

A Contribuição Ergológica Para O Trabalho Docente

Talita de Assis Barreto¹

Resumo: Este artigo objetiva apresentar resultados de uma investigação que tem como tema central uma das atividades do trabalho do professor de Ensino Básico: a participação em eventos acadêmicos. A pesquisa se fundamenta na concepção ergológica de trabalho (SCHWARTZ, 1997) e propõe uma análise lingüística das trocas entre as professoras que participaram do estudo fundamentada na teoria do enunciado dialógico (Bakhtin, 1992). Para isso, organizou-se um Fórum de Discussão que envolveu um grupo de professores em torno de um mesmo objeto de reflexão e que permitiu a criação de falas sobre o *trabalho*. A análise aponta a circulação discursiva da identidade do professor do ensino básico em oposição a um Outro e voltam-se para a construção de sentidos a respeito do ofício e do uso de si na atividade de trabalho.

1) Introdução

Este artigo apresenta a temática de como o professor constrói sua identidade por meio de uma oposição em relação ao Outro. Tais reflexões são fruto de uma pesquisa desenvolvida sobre a participação do professor de ensino básico como apresentador de trabalhos em eventos acadêmicos dentro do quadro de atividades docentes (Barreto, 2005)², tendo como marco teórico a concepção dialógica de linguagem proposta por Mikhail Bakhtin e seu círculo (2002; 1992; 1988) e uma abordagem ergológica de trabalho que pressupõe a existência de mundos de trabalho que abarcam os professores dentro e fora da sala de aula (Amigues, 2004; Schwartz, 2002).

É essencial ressaltar que tinha como pressuposto de base o envolvimento de diferentes professores em torno de um mesmo objeto de reflexão possibilitando, a partir da comunidade dialógica de pesquisa (França, 2002) formada, a criação de um dispositivo metodológico – o fórum de discussão – que fosse capaz de fazer surgir falas *sobre* o trabalho em um novo gênero, verificando observar que circulação temática resultaria desse encontro.

Apresento, a seguir, quatro partes: a primeira com um breve panorama teórico sobre a ergologia; a segunda com considerações sobre o fórum de discussão; a terceira com a análise das falas produzidas pelas participantes da pesquisa em que se constrói a identidade do professor de ensino básico e, por último, algumas considerações finais.

2) A abordagem ergológica

¹ Orientadora: Profa. Del Carmem Daher.

² Para uma leitura mais abrangente sobre o assunto, remeto a Barreto (2005).

A ergologia é uma “disciplina de pensamento” que, não obstante tenha como escopo a construção de “conceitos rigorosos, deve indicar nestes conceitos como e onde se situa o espaço das (re)singularizações parciais, inerentes às atividades de trabalho” (Schwartz, 2000: 45). A atividade está profundamente relacionada a quem a desempenha; assim sendo, é inevitável que aconteçam tais (re)singularizações por parte do trabalhador. É realizado o esperado, entretanto de forma particular à ocasião vivenciada pelo indivíduo.

O trabalhador não é quem unicamente executa as tarefas atribuídas por seu empregador (Schwartz, 1998). A idéia de que o trabalhador faz *uso de si* quando trabalha, não sendo, assim, aquele que simplesmente “realiza” as tarefas estabelecidas por seu patrão, foi construída ao longo do tempo, principalmente a partir da Ergonomia da Atividade e da Ergologia.

De acordo com Schwartz (2002b), em qualquer atividade de trabalho, ocorre uma distância entre o que se orienta que seja realizado e o que, de fato, se concretiza no trabalho. Tendo em vista de que é impossível imaginar a atividade como um simples ato de realização do prescrito e partindo dos conceitos da Ergonomia situada, Schwartz (1997) propõe uma abordagem ergológica dirigida para a produção de saberes sobre o trabalho. A idéia de trabalho prescrito e real é, portanto, expandida para os conceitos de normas antecedentes ou registro 1 (R1) e renormalizações ou registro 2 (R2). Essas normas abrangem os “saberes científicos e técnicos que se constituem em instalações, procedimentos, normas de utilização e também codificações organizacionais, ligadas às formas sociais do trabalho, às redes de poder e autoridade” (Telles; Alvarez, 2001: 18).

Feitas essas considerações sobre o trabalho de modo geral, no subitem a seguir, apresento considerações sobre o dispositivo metodológico construído para a investigação.

3) Falas sobre o trabalho: o fórum de discussão sob uma perspectiva dialógica

O Fórum de discussão, conforme explicitado anteriormente, deu origem às falas analisadas e se enquadra dentro de um gênero de discurso que exige que se dê a vez ao outro para que ele também possa expressar-se, bem como admite que se façam interrupções na fala do seu co-enunciador para que se ressalte algum aspecto relevante ou até mesmo para argumentar contra o que é dito pelo outro. O enunciador convida seus co-enunciadores a compartilharem de suas idéias sobre o tema abordado, embora não tenha o controle da enunciação, uma vez que se vê diante de situações imprevistas em que seu co-enunciador

pode surpreendê-lo com algum questionamento ou posicionamento contrário ou diferente do seu. Isso, segundo a concepção bakhtiniana, é intrínseco ao processo dialógico da enunciação.

O Fórum, como um espaço de interação viva, tem a característica de que o enunciador precisa reagir, muitas vezes, a situações imprevisíveis, a enunciados outros com os quais precisa estabelecer relações para que se dê a co-construção do sentido. O enunciador não possui o domínio da enunciação uma vez que depende das interpretações e da participação do outro com quem estabelece o diálogo. Era indispensável convidar professoras, no caso, do Ensino Básico – segmento focalizado neste estudo – para participarem efetivamente da construção do conhecimento visado a partir da criação de um dispositivo capaz de produzir uma atividade dialógica em que o trabalho fosse constituído como objeto de reflexão. No próximo subitem, apresento a análise discursiva de algumas das falas produzidas sobre a identidade do professor.

4) A construção da identidade do professor em oposição a um Outro

Foram convidadas para participar do Fórum de Discussão professoras envolvidas no evento “Grupo de Trabalho: Experiências Bem-sucedidas”³, do grupo de Ensino Médio/Cursos Livres. As docentes atuam tanto em escolas de ensino médio como em cursos livres e têm mais de vinte anos de experiência no magistério, trabalhando em instituições públicas do estado do Rio de Janeiro. Omito os nomes dos sujeitos participantes sendo os mesmos identificados como Maria e Ana.

As seqüências analisadas correspondem ao recorte a que procedi do conjunto de textos produzidos durante o Fórum e remetem aos momentos em que a atividade do professor é constituída como objeto de reflexão. Essas seqüências estão organizadas em três blocos temáticos que, segundo os objetivos da investigação, sintetizam os significados que a análise dialógica do discurso nos levou a construir. “O eu e o outro”, “O ofício de professor” e “Condições de participação” são os títulos atribuídos a cada um desses blocos; entretanto, neste artigo, limito-me a abordar apenas o primeiro tema.

Como pista lingüística de entrada para a análise, pareceu-nos relevante o conceito de negação polêmica (Ducrot, 1987), uma vez que o professor estabelece predominantemente, no texto analisado, a sua identidade e suas idéias partindo de asserções negativas. Isso indica,

³ Este evento foi promovido pela Associação de Professores de Espanhol do Estado do Rio de Janeiro (APEERJ), em 2002, no Instituto de Letras da UERJ, Rio de Janeiro.

possivelmente, a relevância de identificar-se por meio daquilo que afirma não ser; por meio de negativas, identifica-se o professor que se apresenta⁴.

A partir da materialidade discursiva, percebe-se uma crítica – algumas vezes velada outras mais explícita – ao pensamento de que o professor que possui estudo em nível de pós-graduação *stricto sensu* apresenta uma gama maior de contribuição aos demais colegas de profissão. Os enunciados destacados contribuem para uma reflexão acerca desse tema, pois nos remetem a supostas crenças existentes no meio acadêmico. Como primeiro enunciado, o seguinte fragmento se mostra revelador do marco que aquele evento em específico significou na trajetória profissional da docente, como se pode verificar a seguir:

Maria: *Bom, eu acho válido sim. Foi a primeira vez que eu tive oportunidade, como professora de ensino médio, porque geralmente essas exposições: de eventos por associações são geralmente de professores já catedráticos, de universidade, professores com doutorado, mestrado etc. Então, pela primeira vez um professor de ensino médio como eu **não** importa que tipo de formação ele tenha, mas eu dou aula basicamente pra Ensino Médio e Centro de Idiomas, então pela primeira vez eu tive a oportunidade de mostrar alguma coisa que eu faço, uma coisa realmente viável, realista em sala de aula, **não** só trabalhos catedráticos.*

A professora, ao tomar a palavra, constrói um Eu que se opõe a um Outro, formando assim a identidade do professor. O professor de ensino médio se contrapõe ao de universidade, que constantemente estão participando como apresentadores nos mais variados eventos. Há um lugar ocupado por estes professores que começa a ser também um lugar pela **primeira vez** do professor de ensino básico. Esse marcador temporal atua no sentido de destacar um momento singular para esse professor que não era ouvido anteriormente, pois esse espaço pertencia aos mestres e doutores.

Percebe-se um movimento de integração desse professor a uma realidade que não fazia parte de sua prática enquanto docente. Estabelece-se, portanto, o EU: aquele professor que não era ouvido por não possuir um curso *stricto sensu*, que não é professor universitário, mas que passa a ter um espaço para se colocar como profissional. Há um movimento discursivo que se desloca de um EU individual para um EU coletivo representando o professor de forma genérica. A professora não fala apenas sobre si mesma, mas sim ao perfil do professor de ensino básico. Ele, esse professor, apresenta um trabalho viável para a sala de aula em oposição ao que apresenta o Outro: o professor universitário, que nem sempre traz contribuições práticas aos professores que atuam no ensino básico.

⁴ Específico os enunciados selecionados em itálico.

Estabelece-se, no *pela primeira vez um professor de:: ensino médio como eu não importa que tipo de formação ele tenha*, um confronto entre enunciados que representam diferentes enunciadores, os quais identifiquei como E₁ (enunciador 1) e E₂ (enunciador 2), conforme destaco a seguir:

E₁: Importa a formação do professor.

E₂: Não importa que tipo de formação ele tenha.

A asserção “importa a formação do professor” está sendo rejeitada pela asserção negativa “não importa que tipo de formação ele tenha”, em que E₂ dialoga com E₁ negando a idéia de que, para apresentar trabalhos em eventos acadêmicos, é fundamental que o professor tenha curso em nível de *stricto sensu*, por exemplo. E₁ representa a voz dos que afirmam ou pensam que, para expor algum trabalho em eventos acadêmicos, é necessária essa formação “diferenciada” como forma de legitimação do discurso do apresentador. E₂ refuta esse pensamento, embora, ao fazê-lo, esteja ressaltando sua existência, trazendo isso à lembrança de seus coenunciadores.

Ao estabelecer oposição entre o “professorado comum” e o “professor catedrático” o enunciado de Maria dialoga com o de Ana, confirmando a teoria de que o enunciado “é um elo na cadeia da comunicação verbal”, estando repleto de respostas a outros enunciados (Bakhtin, 1992: 316).

Ana: Mesmo as pessoas que haviam feito doutorado, mestrado, que é algo que ainda eu não possuo, mas enfim, elas tinham um saber muito parecido com o meu, mas não tinham a prática.

O primeiro **não** se enquadra no que Ducrot chama negação descritiva, em que o enunciador apenas informa algo relativo à sua condição, isto é, ele não tem ainda o curso de mestrado nem o de doutorado. O enunciador situa seu co-enunciador em relação à sua formação. Identificam-se os seguintes enunciadores:

E₁: O conhecimento acadêmico está associado à prática.

E₂: O conhecimento acadêmico não está associado à prática.

E_2 refuta a idéia de um E_1 que defende a hipótese de que aliada ao conhecimento acadêmico está a prática, a experiência profissional, e, conseqüentemente, defende também que um mestre e/ou um doutor é alguém que detém essa experiência prática. Ao negar o enunciado de E_1 , E_2 traz a noção de que a detenção de um saber considerado “superior” nem sempre significa experiência e trabalho eficiente. Há uma dissociação da teoria e da prática, pois E_2 afirma que eles [os mestres e doutores] *não tinham a prática*. Aqui a asserção é contundente, apagando qualquer idéia contrária. O enunciador aproxima seu conhecimento do dos que estudaram mais e diminui, dessa forma, a prática desses, valorizando a sua. O enunciador, portanto, se auto-valoriza positivamente.

Ao apresentar seu trabalho, o chamado professor catedrático acredita que o que ele fala faz parte do *dia a dia comum do professorado comum*. Em oposição a esse pensamento, o chamado professor comum nem sempre reconhece a aplicabilidade do que ouve desse Outro para a sua prática docente.

Esse catedrático detém um conhecimento reconhecido como mais profundo teoricamente e mais acadêmico e o professor comum representa o profissional que atua nas escolas de ensino básico, cuja formação não é a mesma da dos que atuam nas universidades. Está embutido o rechaço a uma idéia que circula pelo meio acadêmico de que o professor catedrático contribui mais para a formação que para a prática docente. O “*não seja professor universitário*” indica que se faz uma diferença em termos de nível entre professores, trazendo à discussão o tratamento diferenciado que esse professor comum recebe nos eventos a partir do momento em que lhe são oferecidas menos oportunidades para apresentar-se aos seus pares.

Constrói-se discursivamente a oposição professor catedrático *versus* professor comum e, ao mesmo tempo em que ressalta o reconhecimento de que existe o professor que se destaca por seu conhecimento e por sua atuação no nível superior, existe aquele que trabalha em sala de aula identificada com a prática e como sendo “mais interessante”. Estabelecem-se assim duas categorias de profissionais para os quais haverá atividades de natureza diferente que caracterizariam cada trabalho.

Observa-se um diálogo constante entre os enunciados produzidos por Ana e Maria em que se estabelece uma relação de oposição entre esses diferentes profissionais, caracterizando, dessa forma, uma identidade para o professor de ensino básico, ressaltando sua atuação em eventos acadêmicos como algo recente e de extremo valor.

Nessa identificação do professor que se apresenta, a formação profissional e o aprimoramento acadêmico pareceram-me ser algo de extremo valor para os sujeitos

participantes do fórum porque o tema é bastante recorrente permeando o discurso de enunciados que fazem referência ao nível de estudo dos professores que apresentam trabalhos em eventos. Ser doutor ou mestre valida mais a atuação deste docente em relação aos demais? Dialogando com a circulação discursiva existente sobre o aprimoramento que um mestre ou doutor apresenta em relação ao professor comum, as professoras trazem constantemente o ser ou não doutor/mestre, colocando-se como professoras que, embora não tenham esse nível de formação, superam essa deficiência com sua experiência no magistério.

Defende-se o ponto de vista de que não necessariamente o professor é melhor por ter uma ou outra formação. Note-se que a coincidência no que se refere a essa idéia serve como indicação que o pensamento delas representa um senso comum entre os professores atuantes no mesmo nível de ensino. Reforça-se a idéia de que os conhecimentos adquiridos em um curso de pós-graduação *stricto sensu* trariam ao professor uma posição de destaque e de que haveria maior valorização desse profissional por ter essa titulação.

A questão da formação como algo relevante para a identidade do professor permeia o discurso de ambas as professoras uma vez que apresentam a preocupação de ressaltar que o fato de não serem mestres ou doutoras não invalida o trabalho desenvolvido por elas. Ao destacarem a prática e a experiência que possuem no magistério e o quanto pode ser interessante o trabalho apresentado por professores de Ensino Básico em comparação com o dos professores universitários, marcam discursivamente o valor que um “professor comum” pode ter para seus colegas, podendo contribuir e muito com seus pares. Há um resgate da valorização do trabalho desses docentes.

A valorização desse professor que se apresenta trazendo a voz de um grupo de profissionais que começam a se integrar em um universo antes mais restrito aos de estudos *stricto sensu* também surge no enunciado da outra professora que retoma a circulação discursiva existente de que é necessário um reconhecimento do papel desse professor.

Maria: *Então: eu acho Muito Válido que a associação:: comece também: a prestigiar e a Valorizar:: porque aí vai também da Valorização do professor::, mostrar que: o professor de ensino médio, de escola pública, de escola particular:, principalmente o da escola pública que tem Muito menos recurso:, esse Professor::, as pessoas saibam que Esse Professor: ele Faz Sim: trabalhos interessantes dentro de sala de Aula e tem: Condições: de fazer né” de:: mostrar Trabalhos importantes na formação: tanto na formação:: comportamental: como intelectual:*

Esse fragmento em destaque estabelece uma relação dialógica com o enunciado da outra professora. Destaco o fato de que ambas trazem à tona o valor desse professor ao querer *mostrar que: o professor de ensino médio, de escola pública, de escola particular:, principalmente o da escola pública que tem Muito menos recurso:, esse Professor:., as pessoas saibam que Esse Professor: ele Faz Sim: trabalhos interessantes.* De acordo com a teoria bakhtiniana de dialogismo, o enunciado traz em si “ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1992, p. 316). Nessa relação dialógica, ambas destacam esse professor de ensino básico como profissional que apresenta uma relevância no meio social também uma vez que desenvolve atividades interessantes em seu cotidiano docente.

*Ana: é algo que me dá extremo prazer, que eu acho que eu **não** saberia mais ser só uma docente em sala de aula. Esse caminho para mim virou um caminho paralelo, mas um caminho extremamente importante. Eu acho muito importante. Eu quero ouvir, eu quero trocar muitas informações, mas eu também quero oferecer um pouco da minha visão que eu acho que também é muito legal, que vai acrescentar a outros profissionais.*

Ao dizer que ***não** saberia mais ser só uma docente em sala de aula*, a professora traz duas vozes distintas. Um primeiro enunciador que traz a idéia do professor restrito à sala de aula e um segundo enunciador que refuta essa idéia, afirmando que não conseguiria mais atuar apenas em sala de aula, expandindo o lugar de trabalho do professor para fora da classe. Nota-se uma mudança de percepção do enunciador do que é ser professor. Entra em jogo também outra oposição de enunciados: se hoje ela não saberia mais estar restrita à sala significa que antes ela assim o fazia. Creio ser relevante aqui a forma como a professora expõe discursivamente esse processo de redescoberta do próprio trabalho. Instaure-se, portanto, a imagem do professor que se redescobre, que muda conceitos, ampliando sua visão sobre sua atividade de trabalho. Esse diálogo encontra uma resposta na outra professora que também tem na apresentação de trabalhos uma nova forma de compreender seu trabalho.

*Maria: É uma porta que se abre pras pessoas conseguirem mostrar o trabalho que fazem em sala de aula, **não** só as teses de mestrado e doutorado que geralmente são os trabalhos que são apresentados nesses eventos e sim trabalhos com alunos de fundamental, de ensino médio.*

O oferecimento de um espaço novo, que se abre como possibilidade de comunicação com seus pares, traz a essa professora uma perspectiva diferente de seu trabalho, considerando

que passa a ter a quem falar sobre sua atividade num evento próprio para isso. A professora traz a voz de um enunciador que reivindica a importância desse professor comum que não deve ser visto como menos relevante que o docente universitário.

5) Considerações finais

Este artigo teve como objetivo central apresentar a forma como professores de ensino básico construíram sua identidade em relação a um Outro, representado nas movimentações discursivas pelo professor universitário.

Em consonância ao posicionamento epistemológico adotado, recorreremos aos estudos ergológicos de trabalho e encaminhamos a pesquisa no sentido de construir um dispositivo metodológico que fizesse emergir falas sobre o trabalho, tendo como base para a análise das falas produzidas pelo coletivo da pesquisa, o princípio dialógico de linguagem do círculo de Bakhtin (1992).

Durante o fórum de discussão realizado com os professores participantes da comunidade dialógica formada pela pesquisa, muitas foram as questões abordadas. Este estudo abordou apenas uma delas, que é a questão da identidade do professor em oposição ao Outro – este Outro representado por um professor com características distintas das do de Ensino Básico. Essa oposição é reveladora da diferença do lugar da participação em eventos acadêmicos entre as atividades docentes desenvolvidas pelos dois segmentos de ensino.

Para os professores universitários não apenas existe, em geral, incentivo para esse tipo de atividade, como também uma espécie de exigência, pois precisam apresentar constantemente relatórios em que descrevem toda e qualquer produção durante um período estipulado. Não se concebe um professor-pesquisador que não esteja presente em eventos que divulgam as pesquisas da área acadêmica, promovendo discussões sobre o conhecimento.

Esse tema relativo à identidade profissional construída nos remete diretamente à problemática da pesquisa desenvolvida por Barreto (2005). O professor está ligado a uma instituição, então a participação em eventos deve estar articulada às políticas do estabelecimento que, por sua vez, devem responder aos planos político-pedagógicos estabelecidos em âmbito nacional. Poucas são as instituições de Ensino Básico que incentivam ou permitem a participação de professores em eventos acadêmicos para que apresentem trabalhos ou participem como ouvintes.

Uma vez que a prioridade não é o desenvolvimento de investigações dentro do âmbito escolar dos Ensinos Fundamental e Médio, as autoridades escolares não incentivam a prática

da pesquisa entre seus docentes. Normalmente, existe uma certa dificuldade para que esses professores, principalmente os da rede privada, consigam autorização para ausentarem-se da escola durante o período em que ocorrem tais eventos. Há diretores que não aceitam tais participações como justificativa para a ausência docente.

Outro aspecto ressaltado é o estar em atividade, as implicações que isso acarreta. O professor se vê ansioso antes de aceitar participar por não saber se saberá expressar-se de forma adequada – uma delas ressaltou a formatação exigida para isso, coisa que não é comum no cotidiano do professor – e também por colocar em dúvida a relevância do que pretende apresentar. Aqui se demarca nitidamente a questão das normas antecedentes e das renormalizações necessárias para o cumprimento da tarefa. Cabe ao docente colocar em jogo suas experiências anteriores, fazendo uso de si no momento da atividade.

Vemos uma mudança de postura desse docente, ao descobrir, por meio da atividade, de que não só é capaz de apresentar suas experiências, como também de contribuir com seus pares. Essa descoberta traz um novo significado ao docente de sua própria atuação como profissional, pois passa a valorizar seu conhecimento, comparando-o com os de professores universitários, com cursos de pós-graduação *stricto sensu*. O evento marcou para aquelas professoras uma nova fase profissional, em que se passa a dar voz a esse grupo de docentes que não tinham como se expressar anteriormente, uma vez que esse espaço pertencia prioritariamente ao que elas denominaram “professor catedrático”.

Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de uma democratização do espaço de fala, em que qualquer professor, independente de sua formação, possa estar refletindo sobre sua atividade de trabalho e compartilhando seu saber, podendo assim co-construir com seus colegas novos sentidos para sua prática.

Bibliografia

- ALVAREZ, D., TELLES, A.L. “Interfaces ergonomia-ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes”. In: FIGUEIREDO, M., et al. (org.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- AMIGUES, R. “Trabalho do professor e trabalho de ensino”. In: MACHADO, Anna Rachel. (org.) *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: EDUEL, 2004. p. 35-53.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp-Hucitec, 1988.

_____. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARRETO, T. A. *Apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos: uma atividade de trabalho do professor do ensino básico?* 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FRANÇA, M.B. *Uma comunidade dialógica de pesquisa - Atividade e movimentação discursiva nas situações de trabalho de recepcionistas de guichê hospitalar*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC-SP, São Paulo.

SCHWARTZ, Y. *Reconnaisances du travail – Pour un approche ergologique*. Paris: PUF, 1997.

_____. “Os ingredientes da competência: Um exercício necessário para uma questão insolúvel”. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 19, n. 65, dez., 1998.

_____. “A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes”. *Trabalho & Educação*. Belo Horizonte, n.7, jul/dez, 2000, p.38-46.

_____. “Disciplina Epistêmica Disciplina Ergológica – Paideia e Politeia”. *Pro-Posições*. Campinas, vol.13, n.1 (37), jan/abr, 2002a, p.126-149.

_____. “A abordagem do trabalho reconfigura nossa relação com os saberes acadêmicos: as antecipações do trabalho”. In: SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; FAÏTA, D (eds.). *Linguagem e Trabalho – construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002b.

SOUZA-E-SILVA, M.C.P. “A dimensão languageira em situações de trabalho”. In: _____; FAÏTA, D (eds.). *Linguagem e Trabalho – construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.